

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 20 - Janeiro de 2026 - Nº 194

(21) 97246-2213 • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br • facebook.com/jaajrj • [instagram - @jaajrj](https://instagram.com/jaajrj)

A luta continua pela melhoria da Saúde da Família em Jacarepaguá

Temos notórios avanços, mas ainda existe uma extensa área de população descoberta sem atendimento na Saúde da Família. *Página 3*



AMAF luta pela construção de uma Clínica da Família na Freguesia

Descobrimo talento
Vamos dançar com
Rodrigo Barcelos

Páginas 7

Donald Trump:
o trator
ameaçador do
fascismo

Página 4

História da Região

- Os comunistas de Jacarepaguá em 1935/1940
- Projeto Lembranças do Rio das Pedras

Páginas 6

Os desafios da
comunicação
popular e os 21
anos do JAAJ

Página 2

Editorial

Jornal Abaixo-Assinado é pra lutar em 2026

Iniciamos um novo ano carregando esperanças, mas também conscientes dos muitos desafios que seguem batendo à nossa porta. Janeiro de 2026 não é apenas a virada do calendário: é mais um capítulo da luta cotidiana por uma cidade melhor, por um país mais justo e por uma Baixada de Jacarepaguá que tenha seus direitos respeitados.

O *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ)* nasce e se mantém com essa missão: ser voz do povo, espaço de denúncia, reflexão e construção coletiva. Somos um jornal popular e comunitário porque acreditamos que a transformação começa quando a comunidade se reconhece, se organiza e se manifesta. Os problemas são conhecidos — transporte precário, falta de políticas públicas eficazes, desigualdade social, abandono de serviços essenciais — mas também são conhecidas a força e a resistência do nosso povo.

Neste novo ano, reafirmamos nosso compromisso com a informação crítica, acessível e comprometida com a realidade local. O JAAJ não se limita a relatar fatos: ele provoca debates, estimula a participação popular e fortalece a luta por direitos. Cada edição é um convite à mobilização, à solidariedade e à construção de alternativas coletivas.

Sabemos que os dilemas da Baixada de Jacarepaguá refletem os dilemas do Brasil. Por isso, nossa atuação local dialoga com uma visão mais ampla de justiça social, democracia e dignidade. Não haverá cidade melhor sem participação popular, nem país justo sem enfrentar as desigualdades históricas que marcam nossa sociedade.

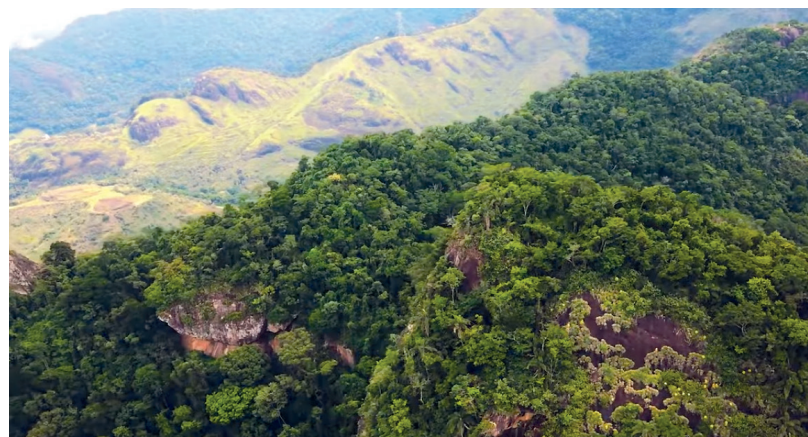
Abrimos 2026 chamando nossos colunistas, colaboradores e leitores a seguirem firmes conosco. Que este jornal continue sendo um instrumento de luta, de esperança e de organização popular. Que a palavra escrita siga sendo ferramenta de transformação.

Seguimos juntos, com coragem, compromisso e a certeza de que a mudança nasce da coletividade.

Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens – JAAJ
Janeiro de 2026

Documentário conta a história do Parque da Pedra Branca: nossa maior floresta urbana do mundo

Página 5



Beleza e natureza exuberante



Bianca Lopes
Estagiária sob supervisão
da jornalista Juçara Braga

Coordenador Geral do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ) fala sobre os desafios da comunicação comunitária

Almir Paulo: "Continuamos resistindo. Desistir jamais."

Agraciado com o Prêmio Carolina Maria de Jesus, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), em 11/12/2025, por iniciativa da deputada Renata Souza (PSOL), o *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ)* completará 21 anos de resistência na comunicação comunitária em 2026. Essa resistência motivou a premiação que muito honra a equipe do JAAJ. Nesta entrevista, Almir Paulo, fundador do JAAJ e coordenador do seu Conselho Editorial, fala da história e dos objetivos do jornal comunitário nessa caminhada.

Bianca Lopes - O que o motivou a criar o JAAJ?

Almir Paulo - Nossa inspiração veio da militância no movimento comunitário e da participação na FAMERJ – Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro – onde enfrentamos barreiras na divulgação das lutas populares. Os jornais de bairro existentes na região representavam setores conservadores e clientelistas. A grande mídia simplesmente ignorava as lutas das comunidades.

Percebemos uma lacuna na cobertura midiática da Baixada de Jacarepaguá. Faltava um jornal comprometido com as lutas populares que trouxesse à tona as pautas das periferias e desse voz aos segmentos historicamente oprimidos. O *Jornal Abaixo-Assinado* nasceu, portanto, da urgência de se construir um espaço de resistência para os movimentos sociais e as comunidades locais.

Com o JAAJ assumimos a tarefa de dar voz aos movimentos sociais, denunciando injustiças, contando a história da região do nosso ponto de vista, dando visibilidade a talentos culturais e servindo como instrumento de conscientização, mobilização popular e resistência. Ou seja, a invisibilidade das pautas populares na mídia tradicional motivou nossa mobilização.

Bianca Lopes - Quando saiu a primeira edição?

Almir Paulo - Criamos uma rede de amigos para arrecadação financeira, fizemos rifa e, assim, lançamos a edição de número Zero em 10 de março de 2005. Um tabloide em papel jornal com oito páginas e 10 mil exemplares. Foi um tremendo sucesso.

Hoje estamos na 194ª edição do jornal com impressão gráfica bimensal de 2 mil exemplares em papel offset quando temos recursos financeiros. A distribuição é gratuita nas ruas da região e junto aos movimentos sociais. Não tendo recursos, fazemos somente o digital que é publicado em nosso site. Somos atuantes também no facebook e no instagram. Continuamos resistindo. Desistir jamais.

Bianca Lopes - Quais os principais desafios para se manter um jornal comunitário durante 20 anos?



Almir recebe o prêmio das mãos da deputada Renata Souza (PSOL)



Equipe do JAAJ na Alerj - Almir, Ivan, Bianca Lopes, Silvia da Costa e Edelvira

Almir Paulo - Por incrível que pareça, difícil não é a questão financeira, embora esse seja sempre um desafio. Desafiador mesmo é manter um grupo de pessoas voluntárias, em suas poucas horas disponíveis, fazendo acontecer o projeto de um jornal popular. A maioria desse coletivo não tem formação jornalística. Somos militantes de movimentos sociais da região e da cidade. Por sermos militantes vivemos os problemas de perto, lutamos, fazemos história e escrevemos e financiamos o *Jornal Abaixo-Assinado*.

Temos um Conselho Editorial e um núcleo coeso formado por Silvia da Costa, Pedro Ivo, Val Costa, Ivan Lima, Almir Paulo, Renato Dória, Cíntia Travassos, Maraci Soares, Claudio Mattos, Pablo das Oliveiras, Edelvira Varella, Tatiana Santiago, Felipe Lucena, Juçara Braga, Rodrigo Hemerly, Dona Jane, Dona Penha, Luiz da Vila Autódromo e o povo do Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá (IHBAJA). Recentemente, chegaram para somar o diretor da Federação das Associações de Moradores do Município do Rio de Janeiro (FAM-Rio), Sidney Teixeira, o escritor Magnun Alves, o comunicador Claudio Ligue Ligue, a professora Silvia Nunes, do Lions Clube Taquara, e a nossa estagiária Bianca Lopes.

O JAAJ tem ainda um grupo de amigos que contribui financeiramente, distribuem o jornal impresso e postam em suas redes sociais nossas reportagens. Assim, fazemos um jornal comunitário.

Bianca Lopes - Qual sua visão sobre o futuro da comunicação comunitária?

Almir Paulo - A comunicação comunitária tem seu papel junto aos movimentos populares, pastorais e coletivos de bairro que lutam por direito à cidade, regularização fundiária, moradia, respeito às culturas locais e acesso a



Maraci, Ivan, Silvia, Edelvira e Almir: isso é o JAAJ

serviços públicos de qualidade, em especial saúde, educação, saneamento e transportes. O futuro da comunicação comunitária permanecerá na tarefa de dar visibilidade às lutas do povo, denunciar as injustiças, a criminalização da pobreza e fortalecer a organização popular na Baixada de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil.

Bianca Lopes - Como vencer desafios tão importantes como a falta de recursos?

Almir Paulo - Fazemos o JAAJ com paixão e somos persistentes porque acreditamos na importância dessa missão que engloba a defesa da qualidade de vida da população da Baixada de Jacarepaguá, principalmente daqueles renegados pelo poder público. Mais do que simples denúncias, buscamos um debate democrático, sem rótulos e preconceitos, que possa envolver todos os agentes sociais da região, fomentando iniciativas para tornar Jacarepaguá menos desigual.

Bianca Lopes - O que significa para o JAAJ receber o Prêmio Carolina Maria de Jesus?

Almir Paulo - O coletivo do *Jornal Abaixo-Assinado* recebe o Prêmio Carolina Maria de Jesus como um reconhecimento da comunicação popular feita a partir do território e para o território. Em uma região marcada pela desigualdade e pelo abandono do poder público, seguimos firmes na defesa da vida, dos direitos e da dignidade da população da Baixada de Jacarepaguá, em especial daqueles sistematicamente excluídos das políticas públicas. Nossa atuação vai além da denúncia: é uma prática política de enfrentamento às injustiças, de fortalecimento do debate democrático e de articulação entre os diversos agentes sociais para transformar Jacarepaguá em um espaço mais justo e igualitário.

EXPEDIENTE



JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64. Críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br Tel (21) 97246-2213

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

****As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.**

****Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.**

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Soares, Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Douglas Senna (Cabral) (Em Memória), Severino Aguiar (Em Memória), Ione Santana, Ivan Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Lima, Jane Nascimento, Luiz Claudio, Valmiria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Manoel Meirelles (Em Memória), Maraci Guida e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo, Maraci Soares, Silvia Costa e Val Costa.

Diagramação e Arte: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa.

Revisão: Vânia Santiago.

Peça gratuitamente um exemplar do JAAJ ao seu jornaleiro

• Naldo da Banca

Estrada do Tindiba, em frente ao nº 2.331- Taquara



Jornaleiro Naldo



Sidney
Teixeira
Colunista

Melhoria da Saúde da Família em Jacarepaguá: boas promessas, mas necessidade de vigilância

Na cidade do Rio de Janeiro, a Baixada de Jacarepaguá é uma das últimas fronteiras para a melhoria da cobertura da Saúde da Família. Mesmo que tenha tido notórios avanços na sua implantação em toda a cidade, ainda existe uma extensa área de população descoberta da Saúde da Família na Baixada de Jacarepaguá (ou Zona Sudoeste, ou Área Programática 4.0). E, em muitos casos, a parte que está coberta ainda sofre com a desproporção entre o número de pessoas cadastradas para cada equipe de Saúde da Família (médico, enfermeiro, técnico e alguns agentes comunitários de saúde), conforme [levantamento do Jornal O Globo do ano passado](#). Com essa compreensão, a Prefeitura do Rio de Janeiro tem feito inaugurações de unidades de saúde e comemorado o início de obras nessa região.

A Associação de Moradores e Amigos da Freguesia (AMAF), da qual sou associado voluntário, há muito tempo reivindica uma Clínica da Família para atender esse bairro com mais de 70 mil pessoas (e talvez uma clínica não seria o suficiente para alcançar a totalidade). Sobretudo para a população mais vulnerável, a da rua Tirol, totalmente descoberta da Saúde da Família. Atualmente, para se conseguir algum atendimento de atenção

primária, o morador tem de andar mais de uma hora (mesmo sem problema motor de locomoção) para chegar ao Centro Municipal de Saúde Jorge Saldanha Bandeira de Mello, localizado no Tanque. Já foram emitidos diversos ofícios pela Associação para a Secretaria Municipal de Saúde, Subprefeitura de Jacarepaguá e outros órgãos solicitando-se a implantação de uma Clínica da Família, inclusive com sugestão de terrenos de propriedade municipal. Para a alegria dos moradores, durante o debate eleitoral da TV Globo, o prefeito Eduardo Paes prometeu que atenderá o pedido e construirá uma clínica na Freguesia. Além dela, também prometeu para a região: Recreio e Taquara. Por enquanto, há referências de obras na praça Waldir Vieira (Taquara) e na estrada do Camorim (Camorim), com financiamento federal (Programa de Aceleração do Crescimento).

Ainda assim, continuaria o problema do excesso de pessoas vinculadas a cada equipe de saúde da família! É importante resgatar a luta dos médicos de família, por meio do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro — do qual também faço parte atualmente —, empreendida durante o ano de 2025, questionando a sobrecarga laboral à qual os médicos são submetidos, denunciando dentre vários problemas a quantidade de pacientes para cada equipe e cada médico. O Ministério da Saúde, desde 2024, determina que, para cidades do porte populacional do Rio de Janeiro,

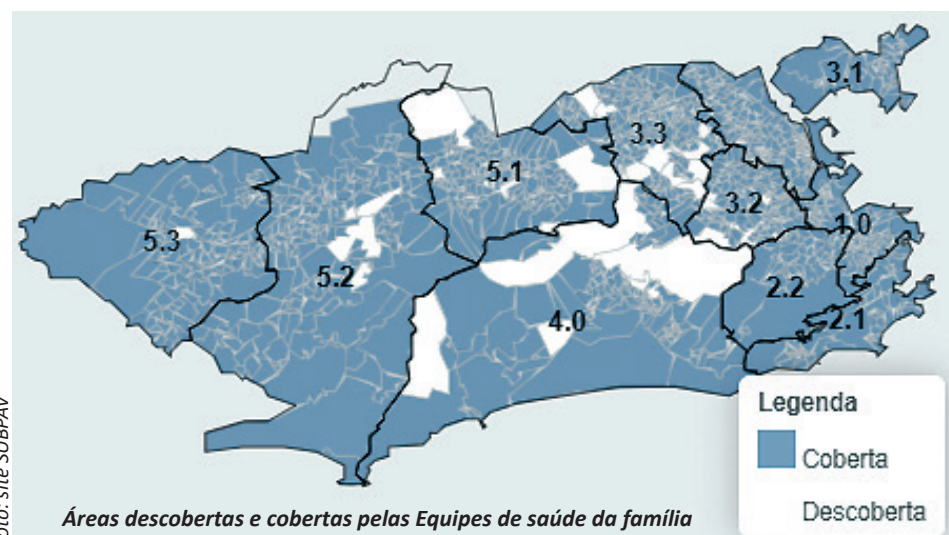


Foto: site SUBPAP

ro, as equipes precisam ter como parâmetro o número de 3 mil pacientes por equipe, porém são frequentes os relatos por profissionais de equipes superlotadas, com mais de 4 mil ou 5 mil pessoas, sobretudo no subúrbio, como em Jacarepaguá. É impossível ofertar cuidado de qualidade com a submissão do profissional a uma grande carga, dificultando o trabalho preventivo. Quando o subsecretário de atenção primária Renato Cony foi para Jacarepaguá durante a audiência pública do Plano Estratégico 2025-2028, reconheceu esse eminente problema, informando que se investirá na melhoria da cobertura em toda a cidade, inclusive com previsão de maior enfoque na Área Programática 4.0 (que é a da

Baixada de Jacarepaguá). Se se observar o Projeto de Lei do Plano Plurianual 2026-2029, de fato essa área é a que teria maior crescimento, com a meta de chegar a 1.650 equipes de saúde da família nos próximos quatro anos em toda a cidade (um aumento de pouco mais de 270 equipes, segundo o panorama atual que consta no site da Subsecretaria de Promoção, Atenção Primária e Vigilância em Saúde, que aponta 1378 equipes de saúde da família, até o fechamento deste texto).

Sabemos que promessas e peças orçamentárias infelizmente não são sempre cumpridas. Por isso, dar ciência aos cidadãos e eleitores é um importante passo para qualquer luta comunitária. Fiscalizemos e cobremos!



*Por Núbia Corrêa

Uma rede de mulheres empreendedoras de Jacarepaguá que tem por objetivo reunir artesãs e criar oportunidades reais de negócios, tanto para o crescimento profissional como pessoal, com relacionamento direto com os clientes.

A ideia da Rede Oré surgiu no final de 2019, mas, por conta da pandemia, foi deixada em segundo plano. No final de 2023, resgatamos a ideia e partimos para a execução!

Em março de 2024, o projeto virou realidade!

Rede Oré Quem somos

De lá pra cá conseguimos não apenas aumentar nossa rede de contatos, como demos oportunidade para a “mulherada” mostrar o seu valor.

A isso soma-se o “social que habita em nós”, que permitiu que organizássemos eventos como a vacinação de idosos, coleta de “lixo eletrônico, festa do Dia das Crianças, Natal, entre outros, que trouxeram vida a uma praça que antes estava abandonada.

É sabido que a ocupação do espaço público impulsiona a segurança pública, mas ativa também o senso de pertencimento na comunidade.

Por conta da Consulta Prévia de Eventos (CPE) ter que ser semanal, por vezes temos dificuldades em obter o alvará transitório a tempo, para que a feira aconteça, e por essa razão já tivemos que cancelá-la. Isso impacta diretamente as mulheres

que empreendem, pois várias produzem durante a semana para vender no sábado, e quando não conseguimos o alvará, a produção/gasto/tempo é em vão.

Muitas, assim como eu, dependem da feira para garantir “o pão nosso de cada dia”, e quando ela não acontece, a situação fica complicada.

Por isso estamos pleiteando a publicação de um decreto para tornar a nossa Rede “Patrimônio Social e Cultural Imaterial de Jacarepaguá”, o que nos dará mais segurança e a garantia de que efetivamente a feira irá ocorrer todos os sábados.



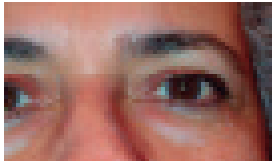
A feira organizada pela Rede Oré fica na Praça Mac Gregor, rotatória das ruas Araguaia e Geminiano Gois, na Freguesia

Desde já agradeço o apoio de todas e todos nessa empreitada.

*Gestora ambiental e da Rede Oré

Segue o link do nosso abaixo assinado para Rede ser “Patrimônio Social e Cultural Imaterial de Jacarepaguá

https://www.change.org/p/rede-or%C3%A9-patrim%C3%B4nio-social-e-cultural-imaterial-dejacarepagu%C3%A1?recruiter=974055553&recruited_by_id=b1df2640-9302-11e9-987ecb9f51d038ce&utm_source=share_petition&utm_campaign=petition_dashboard_share_modal&utm_medium=whatsapp



**Observatório
Popular**

Juçara Braga
Jornalista

Contra a Venezuela, agressão explícita, estardalhaço, mídia global com holofotes gigantes buscados pelo ditador norte-americano Donald Trump. Contra Cuba, o ataque mais discreto, do mesmo ditador, intensificando o bloqueio econômico genocida dos EUA, que tenta estrangular o regime comunista cubano há mais de 60 anos.

A Venezuela tenta se equilibrar na difícil linha entre um "acordo" imposto pelo ditador Donald Trump e a manutenção da dignidade e da soberania nacional. Cuba é enfática. O presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel, esclarece que "Cuba não agride, é agredida há 66 anos pelos EUA e não

ameaça, se prepara, disposta a defender sua Pátria até a última gota de sangue".

É bizarro que o mundo assista, sem nada fazer de prático, esse show de horrores imposto pelo ditador Donald Trump a nações autônomas, com soberania reconhecida pelo Direito Internacional. É preciso mais, é preciso parar esse veio que só jorra maldade e intolerância aboletado num púlpito de arrogância, vomitando mentiras "fake news" tão escandalosas quanto inacreditáveis.

Internamente, nos EUA, vozes sensatas se levantam contra o ditador. O democrata Jim Mc Govern, segundo a TV estatal venezuelana Tele-

O trator ameaçador do fascismo

Donald Trump é feio, é mau e é um ditador

sur, condenou a operação em solo venezuelano: "Sem autorização do Congresso e com a grande maioria dos americanos se opondo a uma ação militar, Trump acaba de lançar um ataque injustificado e ilegal contra a Venezuela. Ele diz que não temos dinheiro suficiente para a assistência médica dos americanos, mas, de alguma forma, temos fundos ilimitados para a guerra."

Na América Latina é necessária ação solidária para nos livrarmos do monstro imperialista que, mais uma vez, tenta invadir nosso quintal. Chega! Tire suas garras de nossas nações, ditadorzinho Donald Trump, que tem a maldade estampada na cara pela própria feiura.



Silvia
da Costa
Agente de
Transformação
Social

Texto de Flávia Domingues (EfeMais Comunicação)*

A Casa de Culturas Viva Zona Oeste iniciou um estudo inédito sobre a circulação de verbas públicas destinadas à cultura na região. O diagnóstico analisará editais, leis de incentivo e emendas parlamentares nas três esferas de governo, abrangendo bairros como Jacarepa-

Pesquisa inédita mapeia recursos culturais na Zona Oeste do Rio de Janeiro

guá, Barra, Taquara e Vargens. O objetivo é revelar disparidades históricas e oportunidades de fortalecimento no território.

"É a primeira vez que teremos uma fotografia completa de como a política cultural chega às nossas regiões. Produzir esses dados é fundamental para disputar recursos de forma justa", afirma Vinicius Longo, diretor de Produção da Casa Viva Zona Oeste.

A iniciativa reforça que a falta de dados organizados impede diagnósticos precisos sobre o acesso às políticas culturais. "Sem informação, seguimos invisíveis. Com dados,



podemos planejar, incidir e cobrar políticas que estejam à altura do tamanho e da diversidade cultural da Zona Oeste", destaca Fernanda Rocha, coordenadora-geral.

A pesquisa inclui mais de 2 mil entrevistas e a coleta de dados ocorre até o fim de fevereiro de 2026. Os resultados serão divulgados em 31 de maio de 2026.

A Casa Viva Zona Oeste atua há 19 anos na promoção de identidades e memórias. O espaço funciona de segunda a sexta, das 13 às 19 horas. Visitas e entrevistas podem ser agendadas pelas redes sociais @vivazonaoeste, pelo site www.vivazonaoeste.com.br ou pelo e-mail vzoatendimento@gmail.com.

*Adaptado por Silvia da Costa



Magnun
Alves
Escritor

Primeiro Kwanzaa do Rio de Janeiro

No dia 28 de dezembro de 2025, Nilópolis foi palco da realização do Primeiro Kwanzaa do Estado do Rio de Janeiro. A celebração reuniu diversos grupos, coletivos culturais e amigos ligados às raízes africanas, marcando um momento histórico de valorização da identidade afrodiáspórica na região.

O Kwanzaa é uma celebração cultural africana, de caráter educativo e comunitário, que valoriza princípios civilizatórios africanos. Criado como uma prática cultural não religiosa, propõe reflexões profundas sobre identidade, ancestralidade e coletividade, fortalecendo vínculos comunitários e reafirmando valores afrodiáspóricos.

A celebração ocorre ao longo de sete dias, iniciando-se em 26 de dezembro e encerrando-se em 1º de janeiro. Seu principal objetivo é fortalecer os laços da comunidade negra e valorizar os princípios e valores da herança africana.

Para facilitar a compreensão do pú-

blico, o Kwanzaa pode ser comparado, em termos culturais, às celebrações de Natal e Ano-Novo no Brasil, por marcar um período simbólico de encerramento e renovação. Assim como essas datas mobilizam famílias e comunidades no decorrer de vários dias, o Kwanzaa se desenvolve ao longo de sete dias, com o acendimento de uma vela por dia, cada uma dedicada à reflexão de um dos sete princípios que orientam a celebração.

Os símbolos do Kwanzaa

Durante o Kwanzaa, são apresentados sete símbolos principais, cada um com um significado específico:

Mkeka (esteira): representa a base das tradições africanas e da história, servindo de suporte para todos os demais símbolos.

Mazao (frutas e vegetais): simbolizam as colheitas africanas e expressam respeito pelas pessoas que trabalharam no cultivo da terra.

Kinara (candelabro): representa a ancestralidade africana e abriga sete velas, uma para cada princípio do Kwanzaa.

Mishumaa (velas): são sete velas nas

cores preta, vermelha e verde, cada uma associada a um dos sete princípios, conhecidos como Nguzo Saba. A vela preta, posicionada ao centro, simboliza o povo africano; as vermelhas representam o sangue derramado na luta pela libertação; e as verdes simbolizam a esperança e o futuro da libertação negra.

Muhindi (milho): representa as crianças africanas e a promessa de futuro. Tradicionalmente, um sabugo de milho é colocado para cada criança da família ou, simbolicamente, para a comunidade de famílias sem filhos.

Kikombe cha Umoja (taça da união): simboliza o primeiro princípio do Kwanzaa, a **Umoja (união)**. É utilizada na libação — o derramamento de água, suco ou vinho — em homenagem aos ancestrais.

Zawadi (presentes): representam o trabalho dos pais e a valorização do esforço



das crianças. Devem ser educativos e, preferencialmente, incluir ao menos um item que simbolize a herança africana, como livros, obras de arte ou brinquedos simbólicos.

Todos esses símbolos são dispostos sobre o **Mkeka** durante a celebração e conduzem à reflexão diária sobre os **sete princípios do Kwanzaa**.

(Nguzo Saba): Umoja (união), Kuji-chagulia (autodeterminação), Ujima (trabalho coletivo e responsabilidade), Ujamaa (economia cooperativa), Nia (propósito), Kuumba (criatividade) e Imani (fé).



Felipe Lucena
Jornalista e roteirista

Documentário sobre o Parque Estadual da Pedra Branca está disponível no YouTube

A produção da 4ever TV conta a história da maior floresta urbana do mundo

"A Grande Floresta Urbana", documentário produzido pela **4ever TV**, está disponível para ser assistido gratuitamente no YouTube. O filme mostra detalhes do Parque Estadual da Pedra Branca. A direção é de Kaio Sagazi. O jornalista Felipe Lucena foi o responsável pelo roteiro, reportagem e apresentação.

A obra pode ser vista neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=OGp3TCTCVoc&t=229s>

O Parque Estadual da Pedra Branca tem 12.500 hectares. O Pico da Pedra Branca, local mais alto e centro geodésico da cidade do Rio, fica no local. Além disso, a floresta tem vasta variedade de fauna, flora e três comunidades quilombolas. Essas e outras informações estão em destaque no filme.

"No geral, as pessoas não sabem da grandeza do Parque Estadual da Pedra Branca. Inclusive, muita gente acredita que a Floresta da Tijuca é maior. A Pedra Branca, a maior floresta urbana do mundo, é três vezes maior que a da Tijuca e merecia uma produção que mostrasse a sua importância", disse Felipe Lucena.

Para o diretor Kaio Sagazi, o filme vai ter um papel fundamental para a valorização da natureza na cidade do Rio de Janeiro: "As regiões que estão perto das partes não degradadas do Parque, como áreas do Camorim, Vargens, Taquara, por exemplo, são menos quentes, sofrem menos com as fortes chuvas. A Pedra Branca é um exemplo dessa vocação verde, natural, do Rio de Janeiro. Muitas vezes não damos o devido valor a isso. Portanto, divulgar e exaltar locais como esse Parque é fundamental".

O filme teve uma pré-estreia em outubro de 2025, na festa de 400 anos da Igreja São Gonçalo do Amarante, no bairro do Camorim. No último dia 30/12 foi disponibilizado no canal da 4ever TV, no YouTube.

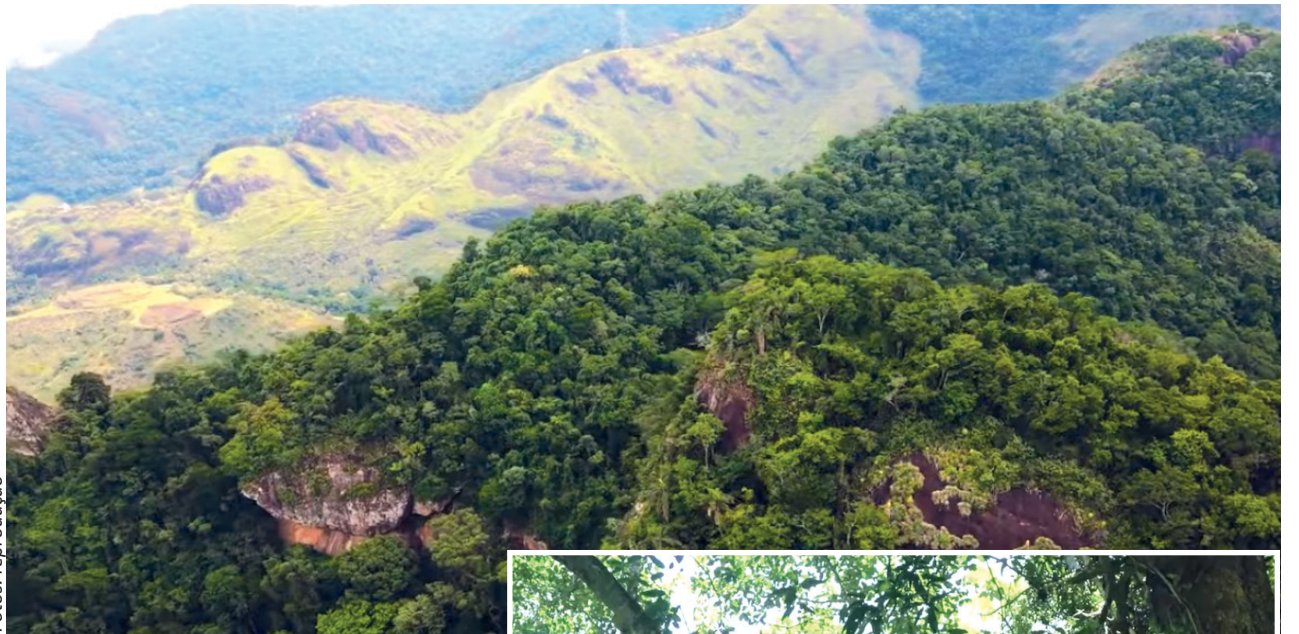
A ideia da equipe é fazer outros lançamentos: "Vamos exibir o filme em alguns locais, principalmente nos bairros que são cortados pelo Parque, e promover debates sobre meio ambiente e o peso de ter uma floresta urbana no meio de uma cidade como o Rio de Janeiro", explica Carol Farias, gerente de conteúdo do grupo 4ever.

Violência coloca o Parque em risco

O filme cita, de forma rápida, que grupos criminosos invadem o Parque Estadual da Pedra Branca. Uma reportagem do Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá, que pode ser lida abaixo, detalha melhor esse tema.

Há bastante tempo, milicianos invadem a mata para construir, ilegalmente, condomínios e roubar argila e areia. Contudo, nos últimos anos, o inimigo passou a ser outro: traficantes da facção Comando Vermelho (CV) estão utilizando as áreas verdes como rotas de deslocamento, além de dominarem comunidades e bairros vizinhos.

O Parque Estadual da Pedra Branca tem três sedes oficiais: Pau da Fome (Taquara), Camorim (Camorim) e Piraquara (Realengo). Além disso, são muitas entradas que passam por comunidades vizinhas à mata. O maciço circunda 17 bairros. São eles: Jacarepaguá, Taquara, Camorim, Vargem Pequena, Vargem Grande, Recreio dos Bandeirantes, Grumari, Padre Miguel, Bangu, Senador Camará, Jardim Sulacap, Realengo,



Fotos: reprodução

Parque Estadual da Pedra Branca beleza natural

Santíssimo, Campo Grande, Senador Vasconcelos, Guaratiba e Barra de Guaratiba. Alguns mapas, porém, incluem ainda Barra e Curicica, somando, então, 19 bairros.

Ao todo, 10% (ou 16% se as áreas de amortecimento forem consideradas) do território da cidade do Rio está localizado no Parque Estadual da Pedra Branca.

Contudo, nos últimos cinco anos, justamente no período que coincide com o avanço do CV ao chamado "Cinturão de Jacarepaguá" e outras partes das zonas Sudoeste e Oeste, o Parque da Pedra Branca passou a ser ocupado ilegalmente por outro grupo criminoso que disputa o território fluminense com as milícias: os traficantes de drogas.

Segundo uma fonte anônima do Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá (JAAJ), a movimentação do Comando Vermelho no parque se iniciou pelo Morro do Mato Alto (Praça Seca); Serra do Engenho Velho (Jardim Sulacap), que abrange a Favela da Chacrinha (Praça Seca); e Favela do Piolho, no Morro do Jordão (Taquara).

A partir dessa entrada, os traficantes do CV passaram a transitar pelo Parque Estadual da Pedra Branca através de trilhas, entrando e saindo de comunidades e bairros que permeiam a maior floresta urbana do mundo.

"Do outro lado da Estrada do Catonho, próximo ao Aqueduto do Catonho, tem a favela do Pica Pau [Cordovil], no Vale dos Teixeiras [Taquara], onde o tráfico tem como acesso estratégico a Estrada dos Teixeiras (Taquara) para o Jardim Realengo, lá fica a favela do Canecão [Realengo]. No morro de Santa Maria [Taquara], os traficantes têm base dentro do Hospital Estadual de Santa Maria e adentram até as torres de transmissão da Light, já no limite do Parque. Na Serra do Rio Pequeno [dentro do Parque], eles têm passagem direta por Santa Maria, usando o caminho da antiga pedreira do Sartó-



rio, entre Realengo e Taquara. Assim, acessam o Morro Grande [no mesmo trecho entre Realengo e Taquara] e descem para a Favela do Pau da Fome, conhecida como comunidade do Monte da Paz ou Pedra Branca, que fica bem perto da entrada principal do Parque, no bairro da Taquara", explicou a fonte anônima do JAAJ.

Outros relatos apurados pela nossa reportagem informam que traficantes já são vistos vendendo drogas em cachoeiras e áreas turísticas do Parque Estadual da Pedra Branca. Ainda segundo a apuração do Jornal Abaixo Assinado, as atividades criminosas do Comando Vermelho no Parque são o uso de trilhas para transitar entre uma favela e outra e a cobrança do comércio local nas comunidades, prática antes restrita à milícia. Armas, drogas e rádios transmissores já foram encontrados por policiais nas regiões citadas acima.

O que dizem as autoridades

O Jornal Abaixo Assinado procurou as polícias (civil, militar e ambiental) do RJ para perguntar sobre ações a respeito das presenças de criminosos no Parque Estadual da Pedra Branca. A resposta de ambas foi que não comentam investigações.

O Instituto Estadual do Ambiente (Inea), responsável pela gestão do Parque, também foi contactado para comentar o tema da reportagem, mas não respondeu.



Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF
e pesquisador do IHBAJA

Pedro Coutinho, militante comunista, nascido no Ceará em 1901, foi o principal quadro do PCB atuante na zona rural da cidade do Rio de Janeiro, principalmente em Jacarepaguá.

Mesmo a atuação de Pedro tendo sido ali expressiva, ela deixou poucas marcas na memória social da região. A exclusão desses personagens da memória local não foi nada casual.

Pedro começou sua trajetória em Jacarepaguá em 1935, justamente para organizar células do PCB para atuar no apoio a Aliança Nacional Libertadora. Além das células, Pedro cumpria extensa atividade de propaganda e agitação, com farta distribuição de panfletos e manifestos, junto às feiras populares, praças e ruas de maior movimento do bairro.

Como se sabe, a ANL seria fechada em julho de 35 e após o levante comunista mal sucedido daquele ano, os membros do PCB seriam violentamente reprimidos. Pedro fugiria para o interior de Minas Gerais, com sua

esposa.

Em 14 de outubro de 1937 foi preso em Itanhandú/MG, enquadrado pelo Tribunal de Segurança Nacional por ações envolvendo a reorganização do PCB e da Aliança Nacional Libertadora em Jacarepaguá.

Entre os objetos apreendidos, informava *O Imparcial*, uma tabuleta com os seguintes dizeres: “Aliança Nacional Libertadora – Pão, Terra e Liberdade – Diretório Nacional” (15/01/1937, p. 16).

Foi provavelmente nesse período que ele passaria a ter contato com o advogado Heitor Rocha Faria (outro grande militante comunista de Jacarepaguá), já que este seria designado defensor de Coutinho na Justiça. Poucos anos depois, Heitor também atuaria como advogado na defesa de causas judiciais de posseiros da região do Sertão Carioca e Baixada Fluminense. Junto com Pedro se tornariam os principais militantes comunistas a fornecerem serviço jurídicos por meio das associações estruturadas pelo PCB (Ligas, Associações Democráticas, Sindicatos).

Em março de 1938, Pedro seria levado aos tribunais, para ser mais exato, ao Tribunal de Segurança Nacional, onde o juiz Raul Machado condenou Pedro e seus com-

panheiros a um ano de prisão pelo “crime” de tentar reorganizar a “Aliança Nacional Libertadora” (*Correio Paulistano*, 30/03/1938, p. 3). Depois de cumprir a pena, Pedro passou pouco tempo fora da cadeia. Em 13 de abril de 1940 foi novamente preso com outras dezenas de militantes após uma grande operação da polícia de “Ordem Política e Social” por vários estados do Brasil. Segundo o então chefe de polícia da época, Filinto Müller, tratava-se, segundo o jornal paulista ultraconservador, de uma “trama macabra” dos “agentes vermelhos”, que por meio de ampla ação partindo de São Paulo visavam a reorganização do PCB.

Logo depois, Pedro teria a sua prisão relaxada. Mesmo tendo sido acusado de fazer parte desse “plano terrorista”, sendo denunciado ao Tribunal de Segurança Nacional, ele aguardaria o julgamento em liberdade quando, sob influxos da vitoriosa campanha dos Aliados



O Globo, 15 de Janeiro de 1937, noticiando a tentativa de recriação da ANL por Pedro Coutinho e seus “asseclas”.
Coutinho figura no meio da linha inferior.

na II Guerra, irrompe no Brasil um movimento em prol da anistia aos presos políticos do regime varguista.

Depois de tantas dificuldades, voltaria a militar em Jacarepaguá. Mas essa já é uma história para um outro artigo.

As impressionantes descobertas do Projeto “Lembranças: Rio das Pedras”

O Projeto Lembranças: Rio das Pedras é uma iniciativa da Agência Lume, organização de comunicação e impacto social. Segundo seus idealizadores, os jornalistas Fernanda Calé e Douglas Teixeira, “o projeto nasceu para registrar, preservar e divulgar as histórias dos moradores, valorizando a trajetória coletiva e fortalecendo a identidade local.”

Com esse intuito, Fernanda e Douglas vem há pouco menos de 2 anos organizando uma série de entrevistas com moradores da Favela Rio das Pedras. Além de todo o trabalho de preservação da memória que esse tipo de empreendimento proporciona, o que tais entrevistas têm revelado é uma impressionante gama de detalhes que havia sido ignorada por boa parte da opinião pública carioca.

Durante muito tempo, os relatos que tínhamos sobre as origens do lugar é de que era um território abandonado, e isso já no século XX, um verdadeiro pântano, que, sabe-se lá porque passou a ser ocupado entre os anos 1960 e 1970 por pessoas vindo do Nordeste brasileiro.

Só uma ínfima parte de tal descrição tem alguma base na realidade. Pois o que os depoimentos trazem à luz é um cenário completamente diverso.

Na verdade, só uma pequena parte do Rio das Pedras era formada por brejos (e essa área seria ocupada a partir do fim dos anos 1960). A ocupação do território, aliás, remonta a um período bem anterior, desde pelo menos o século XIX, quando já havia pequenas fazendas na região e nas redondezas. E ela seguiu no século XX, embora rarefeita. E foi se ampliando a partir dos anos 1930 e 1940, com o maior retalhamento das propriedades na localidade. E aí percebe-se a chegada de várias figuras abastadas que vão instalando ali fazendas, a maioria com o caráter de veraneio. Com exceção daquela instalada por Alberto Monteiro da Silva, figura de renome, oriundo do Pará, de família rica, com inúmeros bens e negócios sediados no Norte do país. A fazenda por ele criada tinha significativa produção agrícola e grande criação bovina. Não era um simples passatempo. Em pouco anos ele, que também tinha ali uma pedreira, resolveu inaugurar um condomínio e um clube social, o Floresta Country Club.

E o interesse desses ricos por Rio das Pedras revelavam por si só um aspecto interessantíssimo da localidade: ao contrário do que as narrativas tradicionais advogavam, o território tinha grande valor paisagístico.

Mas não só eles se interessaram pelo

lugar. Depoimentos como os de Dona Maria e Dona Quinha – a primeira moradora do Rio das Pedras desde o final da década de 1940 e a segunda, início dos anos 1950 – demonstram que muitas pessoas humildes e trabalhadoras já viviam ali na região, algumas trabalhando em algumas daquelas fazendas, outras já ali estabelecidas com os seus sítios que produziam à farta hortaliças, legumes e

frutas, e que abasteciam os mercados locais da região de Jacarepaguá. E isso muito antes dos anos 1960.

Portanto, só podemos enaltecer esse empreendimento da Agência Lume, nas pessoas de Fernanda e Douglas. E que mais pesquisas como essa sejam realizadas em prol dos nossos territórios da Baixada de Jacarepaguá.



Foto: Douglas Teixeira / Agência Lume



Cíntia Travassos
Produtora

Rodriguinho Barcelos, morador da Freguesia/Jacarepaguá, é formado em Educação Física – Licenciatura e Bacharelado.

Desde criança, sua mãe o colocou para fazer atividades extracurriculares como aulas de música (flauta, teclado,



Rodriguinho Barcelos morador de Jacarepaguá, um grande profissional da área da dança mostrando toda a sua simpatia e todo o seu gingado

Rodriguinho Barcelos: a sua arte é dançar



Apresentação de final de ano com alunos e professores do projeto Com Dança Há Esperança no Teatro Dercy Gonçalves

cavaquinho, percussão), natação, atletismo... e, em 1999, quando interrompeu o atletismo em virtude de muito esforço e impacto no seu joelho, ele entrou para uma academia de dança, inaugurada na Freguesia/JP, por intermédio do filho de uma amiga de sua mãe.

E tudo aconteceu após um convite

feito a Barcelos e a seu irmão para fazerem alguma dança. E eles optaram por samba no pé, mas sua mãe os matriculou na dança de salão. E de lá pra cá, ele vive da dança.

Quem quiser conhecer mais sobre o trabalho de Rodriguinho Barcelos, basta acessar os seus perfis no Instagram:

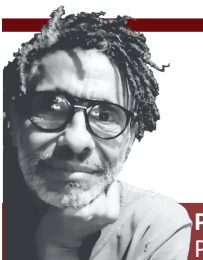
@RodriguinhoBarcelos e @academiadedançarodriguinho Barcelos.

Atualmente, Barcelos é diretor da Academia de Dança Rodriguinho Barcelos, fundada em 2008, e já foi homenageado pelas Câmaras Municipais do Rio de Janeiro e de Niterói, pela ALERJ, por duas gaffei-ras de renome (Estudantina e Elite) e por promotores e profissionais da área.

Barcelos atua também como palestrante, promotor de eventos, avaliador das principais competições de dança do Rio de Janeiro, e foi assessor de dança na TV Globo, na novela *Terra e Paixão* em 2023.

Um de seus grandes feitos e do qual tem muito orgulho, é o projeto “Com dança há esperança”, direcionado a crianças e jovens moradores de comunidades carentes.

Além de futuros projetos, o maior sonho de Barcelos é transformar a vida do máximo de pessoas por meio da arte da dança.



Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

De lá pra cá... daqui pra onde? Conto Final: uma aldeia indígena na cidade

Que legal, olha isso... Meu Diário de 2022. Hum... fotos e mensagens daquele passeio. Eu nem lembrava mais. Engraçado, eu assinava Bebel e também Maria Isabel... O Kevin só assinou “MC Kevin”, foi a primeira vez que ele dizia que queria ser MC... naquela época, ele já sonhava com música e poesia. O Kevin sempre foi inteligente... e lindo também. Caramba, como eu era boba, nem percebi que era a primeira vez que eu e ele já gostávamos de ficar junto o tempo todo...

Todos nós estávamos muitos excitados... Ah... a foto do Seu Riba com a Xodó. Ele não foi ao passeio, mas deu uma caixa de bombom para a nossa merenda... disse que gostaria de ver as fotos e saber das nossas descobertas no passeio. Poxa, o passeio foi maravilhoso! A gente estava no calçadão, em volta do Maracanã. E, do nada, o Leo apareceu de moto, e todos nós ficamos em volta dele, perguntando se ele ia seguir no passeio com a moto. E ele disse: “Que nada, eu estou a trabalho... e rindo, abriu a mochila térmica, tirou três pizzas gigantes, quentinhas: Cortesia de Leo Delivery! E esse é o meu cartão, pra

o seu pedido chegar mais rápido! Tô indo nessa Bom passeio galera! Fui!” Hahaha, até o Léo foi ao passeio, saiu na foto com o pai e o Beto de boca cheia, comendo pizza... e com a gente na rampa da entrada do Maracanã. Todo mundo encantado no templo do futebol... Olha essa foto, incrível! Bem ao lado do Maracanã, um castelo do tempo do Imperador D. Pedro II. Parece que tô vendo e ouvindo tudo de novo...

Paramos em frente à torre do antigo castelo, que há tempos foi o Museu do Índio... Agora, em ruínas, nas paredes rachadas têm muitos grafites... ALDEIA MARACANÃ: UNIVERSIDADE INDÍGENA... A ALDEIA RESISTE!... Gente! Gente, a Aldeia Maracanã é aqui! Uma aldeia indígena bem no meio da cidade... Olha os grafismos indígenas! É aqui que os indígenas moram, improvisam, será que a gente pode entrar? Vem pai, vem! O pai ficou onde estava. Ficou parado e olhando. Acho que o lu-



Imagens da Aldeia Indígena Maracanã.



gar que ele via, estava dentro dele mesmo e lá de dentro dele, um moço veio da aldeia e cumprimentou a gente. A madrinha se apresentou e contou do nosso passeio. Mas a gente queria saber como era lá dentro... perguntamos se o moço morava ali, se ele era um indígena guerreiro... Ele confirmou tímido, sorrindo, e disse: “Os indígenas vivem guerreando e resistido, todos os dias, há 522 anos...” E ele perguntou: “Vocês querem conhecer a aldeia? Entrem para conhecer o nosso evento anual: **Abril Indígena**...” O Beto perguntou: “É festa?” O moço disse: “É uma festa também, para celebrar e cultivar este território sagrado, como a nossa casa e a nossa Associação Indígena Aldeia Maracanã, um centro de

referência e apoio às culturas indígenas, aqui no meio da cidade.” O pai continuou ouvindo tudo num silêncio atento e minha mãe ao lado dele...

Hoje, eu sei que ele viu e ouviu tudo com muita atenção, além da nossa curiosidade. Com seu jeito silencioso, ele também ria muito com as nossas alegrias e brincadeiras de criança... Caramba... Olha essa foto do Kevin, ele assinou MC Kevin, e depois acrescentou: “MC Kevin Puri. Mais um guerreiro que se junta à retomada do povo indígena Puri!”

Nota: Vídeo, ano 2012: **Teko Haw Maraká'nà** – Link: <https://www.youtube.com/watch?v=FoF98l-apyU>.



O famoso “Cariocão” iniciou mais cedo nesse ano, no dia 11 de janeiro, com a partida entre Flamengo e Portuguesa-RJ. A edição de 2026 tem 12 clubes, divididos em dois grupos de seis times para a fase inicial, chamada de Taça Guanabara. Nesta etapa, cada equipe enfrentará os seis adversários do grupo oposto em turno único, totalizando seis rodadas. Ao fim dessa fase, os quatro melhores de cada chave avançam às quartas de final em jogo único.

O município de Petrópolis reivindica uma posição de destaque na implantação do futebol no Brasil. Segundo relatos de pesquisadores locais, a primeira partida do chamado “esporte bretão” em terras tupiniquins foi realizada no pátio do antigo Colégio Paixão, em 1882, por um professor

Você sabe como o futebol chegou ao estado do Rio de Janeiro?

inglês conhecido como “Mister Alexander”.

Para muitos estudiosos, o escocês Thomas Donohoe, funcionário da antiga Fábrica de Tecidos Bangu, foi o personagem que trouxe o futebol para o nosso país. Segundo o historiador Carlos Molinari, Donohoe teria solicitado que seus parentes trouxessem da Europa uma bola, um bico para enchê-la e algumas chuteiras, que foram utilizadas pelos operários da fábrica na primeira partida de futebol em solo brasileiro, realizada em setembro de 1894, no terreno ocupado atualmente pelo Bangu Shopping.

No dia 5 de junho de 2014, foi erguida uma estátua em homenagem a Thomas Donohoe no estacionamento do shopping supracitado. O monumento foi produzido pelo cenógrafo Clécio Régis e tem seis metros de altura.

Oficialmente, a primeira partida de

futebol do Brasil foi organizada pelo paulistano Charles William Miller. Ela ocorreu no dia 14 de abril de 1895, no bairro do Brás, onde os empregados da Companhia de Gás de São Paulo (São Paulo Gaz Company) enfrentaram os funcionários da São Paulo Railway Company.

Na década de 1910, o futebol já era um dos esportes mais populares do Rio de Janeiro. A necessidade de organizar competições entre os clubes levou à criação da Liga Metropolitana de Football, em 8 de junho de 1905. No ano seguinte foi realizado o Primeiro Campeonato Metropolitano do então Distrito Federal. Disputado com as regras da Liga Inglesa, essa competição contou com seis participantes: Fluminense, Botafogo, Bangu, Football and Athletic, Paysandu e Rio Cricket. O Fluminense sagrou-se campeão ao vencer o Rio Cricket por 4 a 1.



Estátua de Thomas Donohoe no estacionamento do Bangu Shopping



O artigo da coluna Fatos e Personalidades da Nossa História, do mês de janeiro de 2026, do *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens*, versa sobre a Revolução Cubana, e tem como objetivo básico esclarecer a população carioca sobre este importante assunto.

A Revolução Cubana foi um dos fatos históricos mais polêmicos ocorridos no século XX, cabendo pontuar que, de modo geral, essas polêmicas acontecem pelo fato de que enquanto havia diversas pessoas a favor do sistema político (comunismo), muitas outras eram contrárias a ele. Esse

Revolução Cubana (1959)

sistema foi implementado em Cuba no contexto histórico da Guerra Fria.

Esse país, ao obter a sua emancipação política (em relação à Espanha) após a Guerra Hispano-Americana (1898), acabou entrando na área de influência dos Estados Unidos da América (EUA), cabendo lembrar que, em virtude disso, a economia cubana ficou atrelada à economia estadunidense.

É interessante ressaltar que Cuba, durante os anos de 1952-1959, estava sob a ditadura de Fulgencio Batista Zaldívar (1901-1973), amplamente apoiada pelos Estados Unidos da América, porém foi extinta pela Revolução Cubana (revolução liderada por Fidel Alejandro Castro Ruz), quando o então presidente cubano aban-

donou o cargo, tornando-a, consequentemente, exitosa.

Em razão de uma série de motivos, Cuba se afastou da esfera de influência dos Estados Unidos da América, e ingressou então na esfera de influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), adotando o regime comunista pouco tempo depois da Revolução Cubana. A partir deste cenário, os Estados Unidos da América adotou uma posição hostil a Cuba, tentando, inclusive, substituir o regime comunista pelo regime capitalista por meio da Invasão da Baía dos Porcos (1961) — a qual não logrou êxito no seu intento —, e implementar o embargo econômico, visando estragular economicamente o regime para forçá-lo a colapsar.



Grande Fidel Castro

Ser **Amigo do PVNC** é uma maneira de exercer a cidadania contribuindo para **mudar a vida de várias famílias**, nos ajudando a combater a desigualdade social de forma efetiva.

PVNC

PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

SEJA AMIGO DO PVNC

Contribuindo mensalmente com R\$20,00 (vinte reais), você fará parte da transformação na vida desses jovens.

DOE R\$20,00

Via PIX

LEIA O SITE DO JAAJ

www.jaajrj.com.br

& FACEBOOK

Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá

Seja ASSINANTE e apoie o JORNAL ABAIXO-ASSINADO

Acesse
www.jaajrj.com.br/catarse.me

Além de receber o jornal impresso bimensal em sua residência, você terá acesso a todo o conteúdo do jornal digitalizado em PDF, via whatsapp.

ABAIXO ASSINADO

UM JORNAL

18 anos de luta

Em defesa da

Gratuito para quem não é amigo

Quer para um entendimento

de pessoas e ideias

parte da luta de resistência

do povo

do Rio de Janeiro

do Brasil

do mundo